

HENRIQUE BARROSO

DESTINO DAS 'FORMAS ANALÍTICAS'
DO "COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE"
DE DOIS ADVÉRBIOS DERIVADOS
DE ADJECTIVOS: *BEM E MAL*

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLASSICOS
COIMBRA • 1998

DESTINO DAS ‘FORMAS ANALÍTICAS’ DO
“COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE” DE DOIS
ADVÉRBIOS DERIVADOS DE ADJECTIVOS: *BEM* E *MAL*

HENRIQUE BARROSO
Universidade do Minho

0. Introdução

Na origem deste breve estudo (talvez mais propriamente: desta notícia) está, ainda para os nossos ouvidos e/ ou olhos (isto é, no nosso idiolecto, mas também – temos a certeza – no de muitos outros), o uso/ emprego “inadequado” (= não conforme com as regras gramaticais ainda em vigor) de ambas as formas disponíveis para a expressão do “comparativo de superioridade” de *bem* e *mal* (advérbios derivados de adjectivos¹) por parte de falantes e/ ou escreventes do português europeu actual (muitos jornalistas, alguns escritores e outros cronistas) que o deveriam, se não **não reflexivamente** (possuem essa competência) pelo menos **reflexivamente**, conhecer/ dominar.

**1. Das formas que expressam o “comparativo de superioridade” de
bem e *mal***

Os advérbios *bem* e *mal* derivam por alternância temática dos adjectivos *bom* e *mau*, respectivamente. *Melhor* e *pior* são, também respectivamente, as formas que expressam o “comparativo de superioridade” destes adjectivos; e,

¹ Esta classe adverbial (os derivados de adjectivos qualificativos), essencialmente, mas também uns quantos de natureza temporal e de quantidade são susceptíveis de gradação tal como os adjectivos (cf., por exemplo, VÁZQUEZ CUESTA/ LUZ: 1983, 455; CUNHA/ CINTRA: 1984, 544 e FIGUEIREDO/ FERREIRA: 1973, 284).

como se sabe, são formas que o português não produziu pelos seus próprios meios², mas herdou do sistema linguístico latino.

Diferentemente do que se passa com os adjetivos acabados de considerar, os advérbios deles derivados dispõem de duas formas cada para a expressão do referido valor (“comparativo de superioridade”), a saber: *melhor e mais bem*, para *bem*; *pior e mais mal*, para *mal*. *Melhor e pior* são as formas sintéticas (também denominadas ‘formas anómalas’); *mais bem e mais mal* são, ao invés, as formas analíticas (designadas também ‘formas regulares’).

2. Do comportamento actual das formas que expressam o “comparativo de superioridade” de *bem e mal*

Uma vez que as línguas enquanto sistemas se regem, entre outros, pelo **princípio da economia** (tendem a pôr – e, com o tempo, põem mesmo – de parte aquilo que é redundante), como explicar, pelo menos em alguns idiolectos do português europeu actual, a (co)existência de duas expressões para a(s) mesma(s) função(ões), a saber: “comparativo de superioridade” + *bem*, por um lado, e “comparativo de superioridade” + *mal*, por outro lado? Será que se trata de **variantes livres** (ou **facultativas**)? Ou, pelo contrário, estaremos na presença de **variantes em distribuição complementar** (ou **variantes combinatórias/contextuais**)? Ou, ainda, de ambas as coisas (variação livre e variação complementar) ao mesmo tempo? Ou, por fim, tratar-se-á de um caso de ebulição linguística?

Para tentarmos responder com objectividade a estas questões, observemos, num primeiro momento, um *corpus* de ocorrências (exemplos) cuja análise nos conduzirá (é esse o nosso objectivo), num segundo momento, ao conhecimento das **regras** (ou **princípios**) que regulam (e ao mesmo tempo nos explicam) o funcionamento (e, conseqüentemente, o respectivo emprego por parte dos usuários do português europeu) das diferentes formas que expressam, pois, o “comparativo de superioridade” de *bem e mal*.

² Se assim fosse, teríamos *mais bom e mais mau*. Sobre estas formas e respectivo (mas **restrito/ especial**) uso, cf. CUNHA/ CINTRA (1984: 262, 1.ª observação) e FIGUEIREDO/ FERREIRA (1973: 191, 3.ª observação).

(1) *Que era isto senão doce poesia, como ela abrolha nas **mais bem formadas** almas?*

[Camilo Castelo Branco, *José do Telhado*, p. 19]

(2) *Foi sobretudo nas aulas **mais mal preparadas** que o professor estagiário revelou a sua verdadeira vocação docente.*

[Exemplo nosso]

(3a) *Isto podia ser/ estar **bem/ mal** feito.*

(3b) *Isto podia ser/ estar **mais bem/ mais mal** feito.*

[Exemplos nossos]

(4) *Os empresários continuam a pagar **bem/ mal**, mas gostariam de pagar **melhor/ pior**.*

[Exemplo nosso]

(5) *A Teresa está **bem/ mal**, mas podia estar **melhor/ pior**.*

[Exemplo nosso]

(6a) *Este terreno podia ser/ foi **mais bem** aproveitado.*

(6b) *Este terreno podia ser/ foi aproveitado **melhor**.*

[Exemplos nossos]

(7a) *A festa correu **pior/ mais mal** do que eu supunha.*

(7b) *A festa correu **melhor/ *mais bem** do que eu supunha.*

[Exemplos nossos]

(8) *Retrato da equipa **pior classificada** de Portugal.*

[*Público* (Magazine), 1995/06/11]

(9) *Outro indispensável risco da carreira docente deve ser a mobilidade. Para a garantir, os concursos têm de ser de facto abertos. facultando a qualquer docente e investigador de mérito o acesso a vagas em escolas mais prestigiadas, com melhores meios ou **melhor situadas**.*

[*Público* (artigo de opinião), 1995/10/19]

(10) *Os desportistas estão **melhor equipados** emocionalmente que os não-desportistas para enfrentar o desafio do cancro?*

[*Sábado*, n.º 251, 02 a 08/04/1993]

(11) *Régio é um dos nossos autores pior interpretados.*

[Público (texto de Agustina Bessa Luís), 1996/06/16]

(12) (...) e que têm permitido que os portugueses estejam cada vez *melhor informados* sobre como prevenir alguns tipos de cancro e como fazer o seu diagnóstico precoce.

[folheto informativo do Núcleo Regional do Norte da Liga Portuguesa contra o Cancro/ Abril de 1998]

(13) O facto de estar *melhor preparada* do que a maioria das mulheres tem a ver com a sua origem siria cristã?

[Expresso (Cartaz), 1998/05/09]

(14) Cabe aos jornalistas africanos tornar as suas respectivas realidades nacionais *melhor conhecidas* do público externo.

[Boletim da CPLP, n.º 5 (p. 12), Março de 1998]³

Observado que foi o *corpus*, já estamos em condições de podermos (pelo menos, tentarmos) responder às perguntas acima formuladas: afirmativamente, só o podemos fazer em relação às duas últimas; no que diz respeito às duas primeiras, a afirmação sem mais não basta. Vejamos, então, porquê.

Mais bem e *mais mal*, em (1) e (2), explicam-se porque os advérbios intensificam um adjetivo participial (*formadas* e *preparadas*, respectivamente) que qualifica um nome (*almas* e *aulas*, também respectivamente) claramente expresso⁴; em (3a) e (3b), porque os advérbios modificam o participio passado do verbo auxiliado (*feito*) na construção passiva: de acção (*ser*) e de estado (*estar*); por seu turno, *melhor* e *pior*, em (4) e (5), explicam-se por os advérbios se encontrarem num contexto diferente dos dois anteriores (aqui são modificadores do predicado). Isto quer significar que — e tendo em consideração os exemplos até agora tratados — *mais bem* e *mais mal* só ocorrem nos contextos em que *melhor* e *pior* não podem ocorrer, e vice-versa. Estamos, neste caso,

³ Estas são, pois, as ocorrências que coligimos e seleccionámos para podermos averiguar do(s) fenómeno(s) em análise. Não se trata de um *corpus* extenso (também não é necessário), mas é suficientemente elucidativo/ ilustrativo da problemática em epígrafe.

⁴ De maneira semelhante e muito sinopticamente, CUNHA/ CINTRA (1984: 546) e VÁZQUEZ CUESTA/ LUZ (1983: 455) chamam também a atenção para esta especificidade de pelo menos alguns idiolectos, como já aqui assinalámos, da língua portuguesa.

diante de **variantes em distribuição complementar** (ou **variantes combinatorias/ contextuais**).

As ocorrências (6a) e (6b) – que se explicam pelas razões já aduzidas para (3b) e (4) e (5) – suscitam-nos ainda a seguinte observação: se o advérbio (no grau “comparativo de superioridade”) modifica o predicado (seja ele simples ou complexo) na sua globalidade, é a forma sintética que ocorre, e sempre depois daquele [é o caso de (6b)]; se, pelo contrário, só modifica parte do predicado (obrigatoriamente um participio), ocorre a forma analítica, mas precedendo-o [é o que se passa em (6a)].

Antes de uma oração comparativa introduzida por *que* (ou *do que*), apenas *mal* admite ambas as formas do “comparativo de superioridade” disponíveis (o falante/ escrevente pode usar ora uma, ora outra, ora ambas: trata-se, portanto, de **variantes livres**); *bem* apresenta um comportamento completamente diferente: só admite a forma sintética (a analítica é aqui impossível). As ocorrências (7a) e (7b) documentam, respectivamente, as situações acabadas de descrever.

De (8) a (14) – e de acordo, por exemplo, com o nosso idiolecto – dever-se-ia ter, conforme os casos concretos, ou *mais mal* ou *mais bem*, em vez de *pior* ou *melhor* aí registados. Estes exemplos documentam, pois, a tendência cada vez mais acentuada para se usar apenas a forma sintética (empréstimo latino), e em todos os contextos.

Considerando-o na sua globalidade, o *corpus* documenta a (co)existência, num mesmo estado sincrónico (português europeu contemporâneo), de fenómenos vários: variação livre, variação complementar e predilecção por uma forma em detrimento da outra: tudo isto, por si só, é revelador de um estado de ebulição linguística que um dia, evidentemente, cessará e apresentará os seus resultados. Todavia, só num estado linguístico posterior ao nosso é que se poderá saber quais.

3. Do muito provável comportamento das formas que expressam o “comparativo de superioridade” de *bem* e *mal*

A preferência pelas formas sintéticas (os empréstimos latinos) em detrimento das analíticas (as produzidas pelas regras do sistema linguístico português ainda em vigor) do “comparativo de superioridade” de *bem* e *mal* é mais do que notória [os exemplos (8), (9), (10), (11), (12), (13), (14) estão aí para o testemunhar/ documentar]. Como explicar esta tendência/ preferência?

Desconhecemos a motivação/ razão. No entanto, podemos avançar uma hipótese: não terá sido/ será um caso de analogia com as formas sintéticas (as preferidas, isto é: as mais frequentes no discurso) homónimas do “comparativo de superioridade” de *bom* e *mau*, de que directamente derivam? Quer seja por esta razão quer por outra (que agora não conhecemos), o carácter de variação complementar (como vimos, ainda funcional em alguns idiolectos) está a perder-se aos poucos: das duas formas ainda disponíveis, há uma (*curiosamente*⁵, a sintética: a não produzida pelo sistema linguístico português) que está a ocupar paulatina mas progressivamente a(s) posição(ões) da outra (a analítica: a produzida pelo sistema linguístico português) pondo-a, por consequência, também paulatina mas progressivamente, de lado (será o princípio da economia linguística a funcionar?).

4. Conclusão

De acordo com o exposto nas páginas precedentes, podemos concluir (e – parece-nos – não estamos a fazer uma leitura demasiado apressada) afirmando que o uso das formas sintéticas do “comparativo de superioridade” de *bem* e *mal* vai (todos os indicadores apontam nesse sentido) acabar por se generalizar (em alguns idiolectos já se impôs) passando, pois, desta maneira e a muito breve trecho (uma geração? Duas gerações?), a ser a única forma disponível, e nos três níveis de hierarquização linguística (sistema, norma e fala).

Estamos – e para finalizar – na presença de um belo exemplo de **sincronia dinâmica**⁶, ou seja, coexistência de diferentes processos e/ ou variantes em um mesmo estado sincrónico: daí o termos falado atrás de ebulição linguística (esta – como todo o fenómeno de tal natureza – há-de pois também, com o tempo, produzir o seu próprio efeito/ resultado).

⁵ Escrevemos e sublinhamos *curiosamente* porque se trata, de facto, de um fenómeno que merece toda a nossa atenção e, por consequência, também deve aqui ser registado: é que existe um conjunto de adjectivos (pelo menos estes quatro: *pequeno*, *grande*, *baixo* e *alto*) que, apesar de conhecerem também duas formas para expressar o “comparativo de superioridade” (sintéticas: *menor*, *maior*, *inferior* e *superior*, respectivamente; analíticas: *mais pequeno*, *mais grande*, *mais baixo* e *mais alto*, também respectivamente), manifesta o mesmo fenómeno, só que na direcção inversa, ou seja: nota-se que os utentes do português europeu preferem as formas analíticas (o que é perfeitamente natural, já que não fazem outra coisa senão seguir as regras do seu sistema linguístico) preterindo, desta maneira, as sintéticas (os empréstimos do sistema linguístico latino).

Sobre os adjectivos *bom* e *mau* e respectivas formas expressivas do “comparativo de superioridade”, cf. nota 2.

⁶ Expressão terminológica de MARTINET (1989: 47-52).

5. Referências bibliográficas

5.1. Bibliografia de natureza teórica

CUNHA, Celso/ CINTRA, Luís Filipe Lindley

(1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Edições João Sá da Costa.

FIGUEIREDO, José Nunes/ FERREIRA, António Gomes

(1973) *Compêndio de Gramática Portuguesa* (2.^a edição). Porto, Porto Editora.

MARTINET, André

(1989) *Fonction et Dynamique des Langues*. Paris, Armand Colin Éditeur.

VÁZQUEZ CUESTA, Pilar/ LUZ, Maria Albertina Mendes da

(1983) *Gramática da Língua Portuguesa* (trad. port. de *Gramática Portuguesa* por BRITO, Ana Maria e MATOS, Gabriela de). Lisboa, Edições 70.

5.2. Bibliografia usada na constituição do *corpus*

5.2.1. Livro(s)

BRANCO, Camilo Castelo

(1990) *José do Telhado*. Lisboa, Edinter (colecção **O herói e o mito**).

5.2.2. Periódicos

Expresso (semanário), Lisboa.

Público (diário), Lisboa e Porto.

Sábado (revista semanal), Lisboa.

5.2.3. Outras fontes

Boletim da CPLP, n.º 5, Março de 1998.

Folheto informativo do Núcleo Regional do Norte da Liga Portuguesa contra o Cancro/ Abril de 1998.

Separata da Revista *HVMANITAS*
Vol. L - Tomo II • 1998